

## PRESSUPOSTOS FILOSÓFICOS DA PROPOSTA DE EUGENE T. GENDLIN PARA UMA PSICOTERAPIA EXPERIENCIAL

Miguel de la Puente

Universidade Estadual de Campinas

### INTRODUÇÃO

Denominações como **psicologia experiencial**, **método experiencial**, **fenomenologia experiencial**, **psicoterapia experiencial** etc. de Eugene T. Gendlin denotam a ênfase que este psicoterapeuta americano vem dando ao processo experiencial ou à experiencição ( **experiencing** ) na teoria e prática clínicas. A ele se deve sem dúvida o desenvolvimento da última fase por que atravessou a Psicoterapia Centrada no Cliente, a partir de 1957, como é reconhecido abertamente por Carl R. Rogers ( Puente, 1970 ). Com menos reservas que Rogers, Gendlin se adentra nos pressupostos filosóficos da psicoterapia que praticou junto com aquele mestre, discutindo diversos autores, como Schleiermacher, Dilthey, Husserl, Heidegger, Buber, Sartre, Merleau-Ponty, Wittgenstein, Ryle e Austin, sempre à procura daquilo que Rogers traçara como o mais essencial do processo psicoterapêutico, a saber, as bases experienciais da estruturação pessoal e grupal.

Segundo Gendlin, a psicoterapia **experiencial** é constituída por terapeutas que trabalham em termos experienciais, quaisquer que sejam os seus referenciais teóricos. A psicoterapia **existencial** é vista por Gendlin como subdivisão da psicoterapia **experiencial**. Aquela não aborda a pessoa a partir do que ela faz ou ela é, mas a partir do enfoque teórico acerca do que é a vida. Embora o movimento experiencial em psicoterapia seja atualmente grande, não todos os psicoterapeutas que enfatizam a experiência — adverte Gendlin — baseiam o seu método na filosofia experiencial nem tomaram conhecimento das implicações teóricas da sua prática psicoterapêutica ( Gendlin, 1973 a ).

Recentemente, Gendlin ( 1974 ) tem confrontado a Psicoterapia Experiencial com a Psicoterapia Centrada no Cliente, conferindo à primeira maior abrangência. A Psicoterapia Experiencial não constitui uma

nova teoria e prática terapêuticas, pois ela é antes uma **nova maneira** de se utilizar cada um dos métodos terapêuticos já existentes. O seu princípio básico é a **experienciação** ou a tentativa de querer experienciar tudo o que é dito ou feito. Isto é, a ênfase na **experienciação**, que começou a ser uma característica da Terapia Centrada no Cliente a partir de 1957, ao ser também própria de outras escolas terapêuticas, constitui, na visão de Gendlin, um movimento interescolas mais amplo qualificado por ele de Psicoterapia Experiencial.

### PRECURSORES DO MOVIMENTO EXPERIENCIAL EM PSICOTERAPIA

Com o intuito de lançar as bases filosóficas da sua abordagem clínica, Gendlin inicia a sua pesquisa identificando, nos escritos de alguns expoentes mais significativos da filosofia fenomenológico-existencial, elementos conceituais válidos para a teoria e a prática da psicoterapia experiencial ( Gendlin, 1973 a ).

A idéia mais relevante encontrada por ele em Dilthey é a recusa deste filósofo em submeter o homem aos métodos das ciências naturais e matemáticas, já que a vida humana, apesar de ser um processo altamente organizado, é muito mais vasta que a ciência, pois esta deriva daquela e, conseqüentemente, a vida não pode ser reduzida aos limitados esquemas lógicos da ciência. Husserl tem sido objeto de comentários mais amplos no que diz respeito ao valor básico da experiência com relação ao pensamento, devido a seu caráter **originário** que antecede os esquemas teóricos do conhecimento. Mais especificamente, Gendlin aponta a noção de **intencionalidade**, que não significa o que se intenta fazer, mas está a indicar que nunca se pode experienciar a experiência, sendo esta sempre **acerca de, de, em, dentro de** situações reais no mundo. A experiência é de algo, não é puramente subjetiva. Não existem experiências significativas sem símbolos que pelo menos a indiquem, embora nem sempre a representem conceitualmente. A dimensão objetiva da experiência é discutida freqüentemente na obra de Gendlin: a experiência sentida distingue-se da pura emoção, entendida esta apenas como coloração subjetiva que pode acompanhar aquela.

Outro expoente da literatura filosófica moderna invocado por Gendlin é Heidegger. Gendlin vê, nele, um importante precursor do movimento experiencial em psicoterapia ao insistir em algo que é básico para o

processo terapêutico: a experiência está sempre em um contexto, no mundo, ela é sempre histórica, cultural, envolvendo o pensamento. Viver mais ou pensar mais acerca de algo nunca está completamente determinado pela coisa em si. As situações não são fatos físicos, mas vivências e convivências. É movido para além do dado, através de autênticas previsões. No que se refere à convivência humana, Gendlin se reencontra em Buber, salientando as suas colocações acerca do processo relacional humano. Buber é objeto de comentários mais extensos por parte de Rogers.

Sartre, apontado de leve por Rogers, ocupa maior espaço nas referências de Gendlin. Sartre é invocado por Gendlin para demonstrar a importância dos sentimentos que estão por trás das palavras e das definições. **A existência precede a essência**, significa que é o homem quem faz as definições e que, conseqüentemente, nunca pode ser reduzido basicamente a elas. Significa também, segundo interpretação **gendliniana** de Sartre, que, quando algo é definido, esse algo é estudado como segmento paralisado de um processo em mudança.

O aspecto **corporal** da vida é reconhecido por Gendlin em Merleau-Ponty. Comentando esse autor, Gendlin conclui que a concretude corporal do ser humano é a sua existência, pois o corpo tem a intencionalidade funcional que o relaciona aos acontecimentos externos, não tendo precisão conceitual mas sendo o processo do qual surge essa precisão.

Aos filósofos mencionados, Gendlin acrescenta diversos psicoterapeutas que, segundo ele, são sem dúvida precursores da psicoterapia experiencial. Além de Carl Rogers, cuja terapia centrada no cliente — observa Gendlin — é uma terapia centrada nos sentimentos e experiências da pessoa, e dos psicoterapeutas aparentados com as origens da abordagem **rogeriana**, como Otto Rank, Jessie Taft e Frederick Allen ( ver a respeito: Puente, 1970 ), Gendlin faz referência a outros nomes menos divulgados pela literatura **rogeriana**. São eles: Whitaker, Malone, Binswanger, Boss, May, Frankl e ele próprio.

Carl A. Whitaker e Thomas P. Malone são considerados por Gendlin como precursores do movimento experiencial em psicoterapia por terem deslocado a atenção, no método de cura, das meras discussões verbais e dos **insights** conceituais para as próprias fantasias espontâneas e para as reações emocionais genuínas do terapeuta para com o paciente durante a relação de ajuda. Mas, o começo imediato da psicoterapia experiencial é

reconhecido por Gendlin nos trabalhos dos outros autores acima enumerados, que vão ser comentados a seguir.

Gendlin não podia furtar-se a apontar a **Daseinsanalyse** de Binswanger. Como se sabe ( May et al., 1958 ), a análise existencial de Binswanger é o resultado de movimentos anteriores: a psicanálise, a fenomenologia, e o existencialismo. Heidegger e Buber influenciaram especialmente Binswanger. Gendlin nota a ênfase de Binswanger no amor ( Heidegger ), que não deve ser apenas estudado mas ricamente vivido no encontro interpessoal ( Buber ). Medard Boss, continua observando Gendlin, foi quem levou para frente a análise existencial, elaborando modelos interpessoais de desfuncionamento muito interessantes para a psicologia clínica.

Em Rollo May, o fundador da psicoterapia existencial nos Estados Unidos, encontram-se delineados, segundo o autor deste trabalho, os três traços comuns próprios dos seguidores dessa terapêutica no dizer de Ellenberger ( May et al., 1958 ), a saber: em primeiro lugar, uma abordagem da neurose como sentido da vida ou como uma abordagem existencial **inautêntica**, desviando-se do paradigma de repressão de Freud; em segundo lugar, a ênfase no encontro interpessoal terapêutico do aqui e agora, sem focalizar diretamente antigas relações ( em termos de **transferência**, segundo Freud ); e, em terceiro lugar, a importância para a cura dos momentos críticos de ajuda ( **kairoi** ). Sempre na perspectiva de quem observa a psicoterapia existencial salientando os seus aspectos experienciais, Gendlin comprova na obra de May a presença das três características apontadas por Ellenberger ( **ibidem** ).

Victor Frankl ( que viveu em campos de concentração nazistas durante a segunda guerra mundial ) trouxe para os Estados Unidos uma nova abordagem clínica, a **logoterapia**, cujo **logos** está a indicar **significado**, observa Gendlin, e pelo qual é enfatizada a idéia de que o ser humano pode encontrar sempre o sentido das coisas em qualquer situação existente por mais difícil que seja ( até mesmo num campo de concentração ).

Enfim, Gendlin acredita que a sua própria contribuição, na busca de uma solução ao problema de como os símbolos estão relacionados com a experiência, consistiu em colocar as bases de uma **filosofia experiencial** que fundamenta uma psicoterapia experiencial, a qual começa, conclui Gendlin, onde acaba a filosofia existencial. A tentativa de Rogers, explica ainda Gendlin, nesse mesmo sentido é pragmática, já que

esse psicoterapeuta não fundamentou nem teorizou adequadamente o processo experiencial psicoterapêutico ( Gendlin, 1973 a ).

E a visão de Gendlin acerca da fenomenologia existencial ? Os fenomenólogos, pensa ele, acham que experiência e situação caminham juntos. Heidegger afirma o **ser-no-mundo**. Husserl e Merleau-Ponty discutem o **sentido emocional** dos fenômenos: a experiência, a linguagem e as situações estão intimamente relacionadas. Husserl, observa Gendlin, foi o primeiro a tentar colocar as bases de uma filosofia da experiência, recusando-se a estudar a experiência mediante conceitos científicos, como produto final acabado. Mas, continua Gendlin, como resolveu Husserl o problema do exame e discussão da experiência vivida sem lançar mão dos esquemas e conceitos da ciência ? Todos os fenomenólogos, conclui Gendlin, se propõem buscar a experiência direta, cada um deles referindo-se a ela das mais diversas maneiras. Esse é o problema da filosofia experiencial: **como** se referir à experiência, **como** encontrar a experiência básica através de expressões que a envolvem e que não são a experiência ou a partir de afirmações e declarações que a encobrem ao ser comunicada ? ( Gendlin, 1973 b ).

### A PROPOSTA DE EUGENE GENDLIN

Gendlin logo se deparou com a complexidade do problema por ele levantado: a experiência é inefável. Deve-se abandonar o método de intentar abordar a experiência apenas através dela, deixando de lado as relações existentes entre ela e as afirmações dela. Sem estas relações, a experiência é inabordável. **Let us take the bull by the horns**, conclui Gendlin ( *ibidem*, p. 291 ), pois é impossível referir-se à experiência sem utilizar algum símbolo.

Os três critérios da verdade, a saber, o fenomenológico, o empírico e o lógico estão relacionados entre si. Situações, palavras e sentimentos não são independentes entre si. Mesmo procurando a experiência, Husserl logo descobriu as suas relações extra-experienciais. A experiência está sempre organizada por, ou em situações. A linguagem é utilizada para distinguir e diferenciar situações. A experiência sempre está em situação e, quando diferenciada, ela é acompanhada pela linguagem. Não se pode estudar a experiência pura, porque a experiência sempre aparece somatizada, culturizada e, freqüentemente, falada.

A linguagem encontra-se envolvida na experiência. A experiência encontra-se na base do discurso, a estrutura situacional ou lingüística estando sempre implícita nela. Entre experiência e linguagem existe uma estreita colaboração: as palavras podem esclarecer os sentimentos, e estes podem corrigir as palavras. Mas os sentimentos não têm de per si uma estrutura esquemática **como** as palavras. Quem organiza a experiência é a situação e a linguagem. Algo tem de ser feito com a experiência já organizada. A experiência tem a sua própria organização, embora nos apareça já organizada de **outra** forma na situação e na linguagem.

Num estudo fundamentalmente filosófico ( Gendlin, 1962 ), são analisados pelo autor da Psicoterapia Experiencial as **sete relações funcionais** existentes entre as experiências e as situações e palavras. Eis algumas delas sumariadas. Na **indicação** ( ou **referência direta** ), a experiência é apenas apontada através de situações, gestos ou processos demonstrativos verbais ( **isto, isso...** ). O processo esquemático indicativo da experiência não produz totalmente a experiência, mas esta não surge também no campo fenomenal sem a estrutura da situação ou da linguagem. Sem a experiência, a linguagem seria vazia; sem a linguagem, a experiência seria fenomenologicamente inexistente ( para a pessoa ). No **reconhecimento**, outro tipo de relação funcional entre símbolos e experiências, os símbolos podem suscitar uma experiência, que parece enquadrar-se neles e a partir deles. Na **metáfora** ( outro exemplo de relações funcionais ), os símbolos são utilizados de tal forma que se cria um novo significado a partir de significados ( velhos ) anteriores. Pressupõem-se, na metáfora, relações funcionais já existentes entre símbolos e experiências. O novo aspecto da experiência surge da conjugação **não paralela** entre símbolos e experiências. Na **compreensão**, enfim, ocorre um sentido contrário ao da metáfora, onde uma experiência não é explicada apropriadamente ( **paralelamente**, na expressão de Gendlin ), mas através de outros símbolos de outras relações funcionais ( **não paralelamente** ). A compreensão ( como também a metáfora ) pressupõe a indicação e o reconhecimento ( acerca das sete relações funcionais, **vide** Puente, 1978 ).

É interessante notar, nestes exemplos de relações funcionais o movimento incessante da experiência nas suas relações com a situação e a linguagem ( os símbolos ). O sentimento ou a experiência é levada adiante através de símbolos. Sempre é possível a **referência direta** à experiência, gerando, através de diferentes relações funcionais, novos significados senti-

dos. A experiência nunca é limitada pela palavra, que sempre pode esquematizá-la mais.

Na mesma obra filosófica de Gendlin ( 1962 ), são esquematizadas nove características essenciais da experiência. Entre elas, a sua **não-numericidade**, no sentido de ela não estar composta de unidades subdivisíveis, embora possa ser esquematizada ( pelos símbolos ) de diferentes e contínuas maneiras; a sua **multiesquematicidade**, apesar de poder a experiência ser bem organizada por um único esquema; a sua **interesquematicidade**, no sentido de que uma experiência pode esquematizar qualquer outra experiência e ser esquematizada por qualquer outra já esquematizada. Essas e outras características referem-se à experiência do ponto de vista do que pode ser criado a partir dela. Mas o que é a experiência ?

A experiência, explica Gendlin, é um **processo** capaz de ulteriores determinações. Falar da experiência em termos do que ela é, já é falar dela em termos **lógicos**. Mas as implicações lógicas, que não precedem, mas seguem o fenômeno da experiência, devem ser deixadas de lado. Gendlin se propõe, por isso, abordar cientificamente não a **experiência**, mas propriamente a **experenciación** ou o mesmo processo experiencial como distinto das suas explicações lógicas. A experenciación implica um símbolo indicativo ( não conceitual ), obtido natural ou artificialmente através da atenção dirigida, constituindo a **referência direta**, a relação funcional básica ( **vide**, Puente, 1978 ).

O caráter de processo na proposta da fenomenologia experiencial de Gendlin é evidenciado no fenômeno da **explicação**. Para dizer que se está cansado, deve-se apontar à própria experiência de cansaço. Alguém não falando em cansaço, poderia não prestar atenção à própria experiência. Como reação às palavras de alguém, pode-se **explicar** a própria experiência como cansaço. Não aceitando tal explicação, as palavras do outro são consideradas como falsas ou inexatas, podendo ser corrigidas: “Não estou propriamente cansado, estou apenas um pouco esgotado”. As palavras do outro ocasionaram uma **referência direta** ( ou indicação ) numa direção certa e bastante próxima do que era sentido, sem ser exatamente ou explicar totalmente essa experiência. Como está aí, podem ser feitas referências a ela, possibilitando uma ulterior explicação acerca do que significa o sentimento de esgotamento.

Com base em que sentimentos são **corrigidas** as etapas do conhecimento ? A situação corporal está intimamente associada à experiência, associação essa que pode ser explicada verbalmente de diferentes ma-

neiras. Como nem situação, nem sentimento estão ( cada um deles separadamente ) definidos com nitidez, segue-se que a explicação nunca é definitiva. O sentimento de estar de acordo com a situação pode ser descrito **multi e interesquemáticamente**.

O que foi dito a respeito das relações entre a experiência e as palavras, pode-se dizer também das relações entre as **palavras** e o **pensamento**. A ulterior estruturação de umas e outras relações não implica arbitrariedade, mas relação funcional entre elas, relação essa nunca definitiva. O que se propõe é muito diferente da dedução lógica. Para saber se se está seguindo um processo fenomenológico experiencial, propõem-se os seguintes indicadores: — reestruturação e redefinição para além das estruturas e definições dadas; — procura da experiência sentida ( **referência direta** ); — uso de palavras demonstrativas ( **isto, isso...** ); — uso de palavras descritivas diversas para se referir à mesma coisa; — denegação de afirmações prévias mediante a qual se consegue fazer avanços importantes; — o que agora é afirmado, sustenta-se como conseqüência de uma experiência passada; — anteriores passos considerados como falsos são tidos agora como verdadeiros; — o sentido corporal é explicado verbalmente na situação; — apesar das mudanças, o que se fala diversamente é tido como referência a ele.

A explicação não descreve apenas, ela muda. Rejeitam-se, assim, os sentimentos perfeitos ou acabados, e adota-se um método pelo qual tudo o que é colocado pode ser usado como relativo às mudanças que se operarão na experiência, ou mais exatamente, ao tipo de relação que isso tem com a experiência num processo de ulterior esquematização, diferenciação ou formulação. Trata-se de uma estratégia pela qual se dá atenção ao **como** do processo e não ao **que** de cada uma das colocações.

Na psicoterapia, enfim — e é para esta que apontam todas as precedentes considerações fenomenológico-existenciais — e na psicologia, em geral, deve efetuar-se uma mudança radical: da consideração de estruturas e modelos apenas à consideração das relações entre estruturas e experienciamento. Em terapia, a inserção no processo de experienciamento por parte do paciente leva a ulteriores **explicações**, cuja mudança desejada não é a última e verdadeira, havendo como constante a experienciamento mutável e subjacente a esse processo.

Todos os terapeutas conhecem muito bem as palavras verdadeiras apenas e as palavras que fazem uma diferença experiencial. Já Freud apontava que a **interpretação** em si mesma não faz milagres, e que o importante em terapia era a vivência do paciente. Mas na literatura psicaná-

lítica, observa Gendlin, faltam explicações concretas acerca do **como** a interpretação se torna efetiva no processo terapêutico. O pensamento fenomenológico está muito mais próximo dos problemas que dizem respeito à experiência **direta**, enquanto que a psicologia freudiana está desenvolvida mais em termos de esquemas teóricos de referência. Na prática, porém, em qualquer psicoterapia eficiente, dá-se um movimento experiencial com ou sem interpretações do terapeuta. Mesmo que essas estejam presentes, por parte do terapeuta ou do paciente, o elemento crucial está na **experienciação** do paciente, que sempre está relacionada com as estruturas da situação e da palavra ( interpretação ).

A abordagem de Gendlin não vem, por isso, eliminar as colocações de Freud, mas dar a elas um pleno sentido fenomenológico-experiencial, despojando-as da sua coloração eminentemente teórica. O objetivo da análise: fazer consciente o inconsciente é redefinido em termos de relações funcionais entre símbolos explanatórios e experiências. As explicações que têm um efeito sentido levam a uma série de mudanças significativas.

Em pesquisa, ainda, Gendlin enfatiza o estudo do **processo terapêutico**. As pesquisas sobre os problemas do paciente ou sobre os métodos do terapeuta com relação aos resultados da terapia falharam nos seus objetivos, já que terapeutas de diferentes orientações com diferentes métodos têm ou não sucesso independentemente disso tudo. Porém, sucesso ou fracasso é objeto de desavenças, já que não existe acordo acerca do que é psicoterapia, embora se efetuem medidas antes e depois dela em muitos casos e com diferentes métodos.

A psicoterapia é propriamente um processo, afirma Gendlin, evidenciado através de verbalizações características na terapia bem sucedida. Do ponto de vista experiencial, sempre presente em qualquer psicoterapia, podem ser reconhecidos **indicadores** ( acima enumerados ) que denunciam o processo experiencial terapêutico e que diferenciam a terapia efetiva da narrativa e da dedução lógica. O processo terapêutico não visa primordialmente à narração e, apesar de compreensível, nem sempre segue uma ordem lógica. Com base nos referidos indicadores, Gendlin e Tomlinson ( 1967 ) elaboraram uma escala para medir o processo experiencial em terapia, a **Escala de Experienciação** ( vide Puente, 1979 a, 1979 b ).

Mas a abordagem experiencial não se furta às implicações técnicas da psicoterapia ou à construções auxiliares teóricas, mas apenas subordina esses dois aspectos ao processo experiencial do paciente que ocupa o lugar central na psicoterapia experiencial. Esses outros aspectos, o técnico

co e o teórico, não serão tratados neste trabalho, que está limitado aos pressupostos filosóficos da proposta psicoterapêutica de E. Gendlin.

## QUESTIONAMENTOS AO ENFOQUE EXPERIENCIAL DE GENDLIN

Os aspectos positivos da proposta **gendliniana** já foram ressaltados. Cabe agora avaliar criticamente alguns dos seus pontos claros. Gendlin justifica-se mediante arrazoados sobre modelos terapêuticos. Critica dois modelos, o **modelo da repressão** ( algo é impedido a se tornar consciente ) e o **modelo do conteúdo** ( existem no psiquismo entidades definidas, como ansiedades, desejos, pulsões... ) E em contrapartida, Gendlin opõe o seu **modelo experiencial** na interação humana, pelo qual se superam as aporias dos velhos modelos que visam a demonstrar como a personalidade tende a não mudar, enfatizando ele — Gendlin — uma teoria da **mudança** da personalidade ( Gendlin, 1964 ).

Mas o que está na base da discussão da proposta **gendliniana** é a noção de **inconsciente**. Pois, a repressão implica o reprimido e este é um conteúdo. Sem pretender banir a noção de inconsciente, Gendlin propõe reformulá-la. Como? O inconsciente deve ser entendido antes como um **processo inacabado** que contém **implicitamente** milhares de significações, em lugar de ser entendido como algo ( conteúdo ) que não é consciente ( reprimido ). Segundo o novo ponto de vista, o inconsciente não é mais do que uma **interrupção** da interação entre a experienciação e a realidade simbolizada, que origina experiências **ligadas a uma estrutura**, um funcionamento rígido da experienciação, uma perda de si mesmo, um processo do **self** precário. Seja no bom, como no mau funcionamento, os supostos conteúdos reprimidos não são mais do que **aspectos** do processo experiencial em movimento.

Cabe aqui, ao autor deste trabalho, tecer algumas considerações críticas acerca das colocações de Gendlin sobre o inconsciente. A repulsa de Gendlin do inconsciente freudiano **com base no** pensamento fenomenológico e existencialista não constitui uma conclusão tão simples e evidente por parte dos que militam nessa orientação psicofilosófica.

Em primeiro lugar, entendendo por pensamento fenomenológico aquele que foi desenvolvido por todas as filosofias que se originaram

na **Fenomenologia do Espírito** de Hegel ( 1807 ) e se desenvolveram à sombra dos esforços às vezes opostos de Husserl, Heidegger, Scheler, Merleau-Ponty, Sartre, Binswanger entre outros e, em segundo lugar, circunscrevendo a noção de inconsciente àquela desenvolvida no espaço temporal que vai desde os estudos sobre a histeria de Freud até os nossos dias, podem ser observadas, nas controvérsias sobre o inconsciente, duas importantes posições: de um lado, a dos que sustentam que psicanálise e fenomenologia são movimentos equivalentes e que se completam e, de outro lado, a dos que afirmam: a psicanálise e a fenomenologia não têm nada a ver entre si. As presentes colocações tomadas do VI Colóquio de Bonneval ( Lantérie-Laura, 1966 ) sugerem ainda o quanto as inovações na psicologia do inconsciente, colocando-se na mesma direção traçada por Freud, não conseguem ( ou não desejam ) entender todo o seu alcance.

As seguintes críticas gerais de Lantérie-Laura ( **ibidem** ) parecem ajustar-se à abordagem de Gendlin. Para a psicofenomenologia, que insiste no perceber-se percebendo ( a percepção do sujeito e do objeto ocorrem juntas ), a consciência é um elemento fragmentário, sendo a **transconsciência** a estrutura do horizonte da consciência ( **sic** ) ( semelhante ao fundo da figura, em termos gestálticos ), ou as potencialidades do sujeito consciente ( **sic** ) ( onde se inserem Rogers, May, Maslow ) ou, enfim, os aspectos **implícitos** da consciência ( entre outros, o próprio Gendlin ).

Ao pretender **reformular** o inconsciente freudiano, Gendlin parece desconsiderar alguns elementos importantes dessa noção. O inconsciente não é apenas o **transconsciente** ( em termos de Lantérie-Laura ), ou o **não-consciente** ( em termos de Henri Ey, 1968 ), mas ele é essencialmente o **denegado à consciência** ou o que implica sempre a negação do não consciente ( a **repressão**, em sentido lato ) ou, noutras palavras, a **negação da negação**. Sem uma noção do inconsciente assim entedida, evapora-se toda a dinâmica da personalidade em termos de resistências entre as suas diversas instâncias. O inconsciente não é, portanto, o apenas ausente, no sentido que Gendlin parece tomar de Sartre, mas o **denegado** pela lei da realidade ( simbolizada ) e do dever.

Isto suposto, cumpre salientar o valor das reformulações de Gendlin, embora limitadas ao que a análise chama de **pré-consciente**, pelo seu valor **operacional**. Em termos de intuição psicoterapêutica deve-se observar que os objetivos experienciais da dinâmica freudiana sempre estiveram presentes na prática do criador da psicanálise. A **atenção flutuante**

T. 158

do analista implica precisamente — em termos **gendlinianos** — a utilização do discurso interpretativo sem se prender a ele exclusivamente, mas servindo-se constantemente do seu poder ( implícito ) referencial da experiência, onde repousa todo o valor da mudança terapêutica. A contribuição, por outro lado, da noção operacional de **experienciação** de Gendlin, para a teoria, pesquisa e prática clínicas, é de um valor indiscutível.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- EY, Henri. **La conscience**. Paris, P.U.F., 1968.
- GENDLIN, E. T. **Experiencing and the Creation of Meaning**. The Free Press of Glencoe, New York, 1962.
- GENGLIN, E. T. A theory of personality change. IN: WORCHEL, Ph & D. BIRNE ( org. ). **Personality Change**, John Wiley & Sons, 1964.
- GENDLIN, E. T. Experiential Psychotherapy. IN: CORSINI, R. ( org. ) **Current Psychotherapies**. Itasca, Illinois: Peacock, 1973 a.
- GENDLIN, E. T. Experiential Phenomenology. IN: NATANSON, N. ( org. ). **Phenomenology and the social sciences**. Evanston, Ill.: Northwestern University Press, 1973 b.
- GENDLIN, E. T. Client-centered and experiential psychotherapy. IN: WEXLER & RICE ( org. ). **Innovations in client-centered therapy**. New York: John Wiley, 1974.
- GENDLIN, E. T. TOMLINSON, T. M. The process conception and its measurement. IN: ROGERS, C. R. et al. ( org. ). **The therapeutic relationship and its impact**, The Univ. of Wisconsin Press, M. M. & London, 1967.
- LANTÉRIE-LAURA, G. Problèmes de l'inconscient et la pensée phénoménologique. IN: EY, H. ( org. ). **L'inconscient ( VI<sup>o</sup> Colóque de Bonneval ), Desclée de Brouwer, 1966.**
- MAY, R.; ANGEL, E.; ELLENBERGER, H. F. ( org. ). **Existence**. New York: Basic Books, 1958.
- PUENTE, M. de La. **Carl R. Rogers: de la psychothérapie à l'enseignement**. Paris, Epi Editeurs, 1970.
- PUENTE, M. de La. Experienciação ( **experiencing** ) em Psicoterapia. **Psicologia Clínica e Psicoterapia**. B. Horizonte, 3 (1): 27 — 32, 1979.
- PUENTE, M. de La. Experienciação ( **experiencing** ) na Terapia Centrada no Cliente: método, medição e treinamento. **Anais do Primeiro Congresso Latino-Americano de Psicologia** — Campinas, S. Paulo, Brasil, 1978, Ed. do Inst. Bras. de Identificação, 1979.